Aula 10

CAMINHOS E PERSPECTIVAS DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

META

Indicar a evolução da história da historiografia brasileira. Entender as tendências da historiografia na atualidade

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
perceber as características da produção do conhecimento histórico a partir da década de 20 do século XX.

PRÉ-REQUISITOS

Ter assimilado a aula anterior

Maria Nely dos Santos

INTRODUÇÃO

Prezado aluno/prezada aluna,

O tempo passou tão rápido que agora percebo que chegamos à nossa última aula. Sinceramente, faço votos que você tenha aprendido e adquirido informações úteis no nosso curso de Historiografia.

Reconheço as dificuldades de ordem diversa que você encontrou, porém sua dedicação e vontade de agregar conhecimento lhe trouxe até aqui. Você superou tudo. Por outro lado, quero ressaltar que quantidade nem sempre significa qualidade. Tendo em vista a amplitude de alguns assuntos, procurei sintetizá-los, chamando a sua atenção para os aspectos essenciais. Cada aula aborda um problema específico e importante. Enfim, que as leituras feitas e apontadas em Historiografia Brasileira, sirvam para atualizar, renovar e dinamizar os seus estudos históricos.

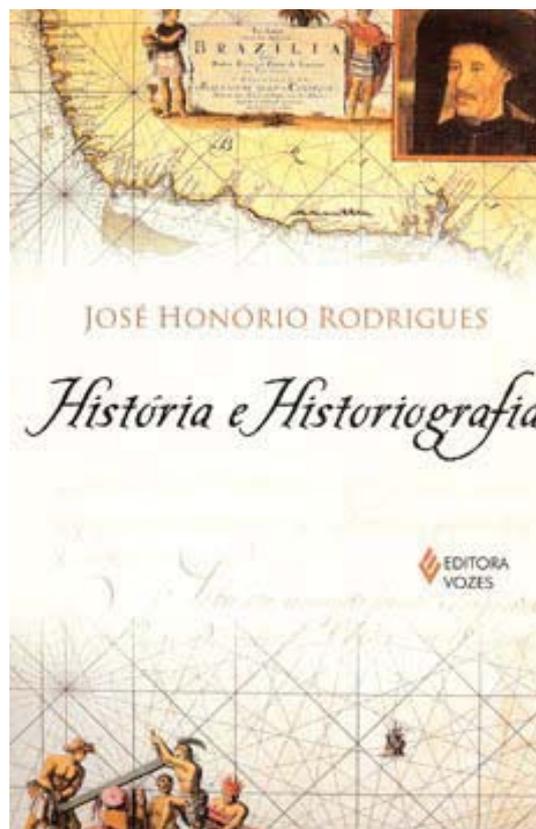
Em nossa primeira aula, conversamos acerca do surgimento da Historiografia Brasileira e sua relação com a História. Nos encontros subseqüentes você pode acompanhar a evolução da disciplina e seus momentos mais relevantes. Hoje, nossa última aula, a conversa vai girar em torno dos caminhos para uma história da historiografia, tendências e perspectivas. Então, uma boa aula! Bons Estudos!

HÁ UMA HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA?

Na primeira aula do curso, vimos que os estudos sobre a produção do conhecimento, no Brasil, constituem uma prática recente. Explicamos, também, a relação entre história e Historiografia. Considerando estes aspectos e inclusive os temas, paradigmas, tendências, correntes, escolas etc. e que maneira pode ser estruturada ou elaborada a história dessa disciplina?

Para responder a indagação indicamos o posicionamento do historiador Itamar Freitas quando escreve: "poder-se-á estudar a história da historiografia em perspectiva diacrônica e logo se constatará a emergência de dois tempos não necessariamente sucessivos: o tempo dos pioneiros e o tempo marcado pelas práticas universitárias". (FREITAS, 2007: 16). Sobre quem é quem no primeiro tempo, Itamar Freitas enumera diversos autores dos quais citamos alguns: João Ribeiro e Silvio Romero (1909) Jonathas Serrano (1925), Hélio Viana, Nelson Werneck Sodré (1945), Sérgio Buarque de Holanda (1949), José Honório Rodrigues (1949), Pedro Moacyr dos Campos (1954). O autodidatismo é a principal característica deles. Quanto ao segundo tempo, "é marcado pela dominante formação superior em história, a pesquisa dentro da universidade, o trabalho sistemático de levantamento e critica da historiografia produzida sobre o país". (FREITAS, 2007 : 17). Quem é quem nesse grupo ? Aqui serão citados todos os indicados pelo

autor: José Honório Rodrigues, Alice Piffer Canabrava, Odilon Nogueira Mattos, Américo Jacobina Lacombe, Carlos Guilherme Mota, Francisco Iglesias, Maria Beatriz Niza da Silva, José Roberto do Amaral Lapa, Carlos Fico e Ronald Polito, Astor Antônio Diehl, José Carlos Reis e José Robson Arruda. Dedicados à atividade de historiar o trabalho produzido pelos historiadores, eles publicaram obras importantes cujas leituras são obrigatórias aos acadêmicos de História.

O tempo não nos favorece comentar, individualmente, os historiadores citados. Entretanto, José Honório Rodrigues exige um destaque especial, em face da sua dedicação ao labor historiográfico seja de modo direto ou indireto.

Capa do livro História e Historiografia de José Honòrio Rodrigues
(Fonte: http://davymoura.blogspot.com.br).

Quem é?

Nascido no Rio de Janeiro, em 20 de setembro de 1913, morreu na mesma cidade, em 6 de abril de 1987, foi um perseverante debatedor dos problemas da historiografia nacional. Formado em direito, não exerceu a advocacia. Funcionário público do Instituto do Açúcar e do Álcool, começou a pesquisar a história do açúcar donde resultou uma valiosa obra a respeito. Ocupou a chefia do Arquivo Nacional, tendo realizado uma excelente administração,. Seu trabalho, nesse órgão, repercutiu em alguns

estados, ocorrendo-lhe convites para ministrar cursos sobre História e Organização de Arquivos.

Enquanto leitor constante, formou conhecimento consolidado em Arquivística e Historiografia. Em suma, "uma vida profícua, dedicada exclusivamente ao estudo e a divulgação da história". (IGLESIAS, 2000 pg 218).

Não é fácil resumir a ampla produção historiográfica. Segundo Iglesias, "parece-nos possível dividi-la em cinco grupos: o da teoria, metodologia e historiografia, em obras sistemáticas; história de temas; ensaios historiográficos. Obras de referência; edições de textos. Levando-se em conta apenas Teoria, Metodologia e Historiografia lembrem-se alguns títulos: Teoria da História do Brasil (1949), Historiografia e Bibliografia do domínio holandês no Brasil (1949), A pesquisa histórica no Brasil (1952), História e Historiadores do Brasil (1965), História e Historiografia (1970).

Recorremos ainda a Iglesias cujo conceito sobre Honório e sua obra é o seguinte: "sua obra valiosa é uma contribuição para o conhecimento do processo nacional [...] Distinguiu-se e afirmou-se pelo vanguardismo em meio conservador e acanhado, com repercussões na universidade". (Iglesias, 2000: 218).

Para concluir, uma mensagem do próprio José Honório Rodrigues, objetivando provocar a sua reflexão.

Se toda geração escreve e tem de escrever sua visão do passado, o caminho não consiste apenas na cumulação fatual, feita pela investigação erudita, mas consiste também e principalmente na síntese interpretativa e crítica que constrói para hoje e para amanhã. (RODRIGUES, 1986: 32).

Em suma, pós José Honório Rodrigues, considerado o "pai da historiografia brasileira, o que fazer? Acredito que uma caminhada a passos largos, indicando a evolução da história da historiografia brasileira é mais do que oportuna. Para isto, busco a companhia de José Roberto do Amaral, usando a síntese extraída do seu livro A HISTÓRIA EM QUESTÃO:

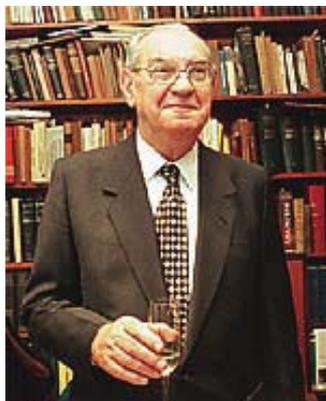
O transcorrer do século XX para a historiografia brasileira revela que até a década de 20 tivemos uma visão factual interpretativa, figurando como obra fundamental a de Capistrano de Abreu, já os anos 20 inaugura-se uma visão teórica interpretativa, comprometida pelo cunho racista e aristocratizante, cuja obra fundamental é de Oliveira Viana, nome que aliás não parece ter influído em Capistrano de Abreu. Nos anos 30 haverá uma contestação da obra anterior com a valorização do mestiço e do negro, agora empática em boa parte, representeada por Gilberto Freire, enquanto que nos anos 40 a posição que se adota, em contestação à obra anterior, é de se repensar a realidade histórica do negro e do imigrante, inserindo-a num contexto mais complexo e teórico, num enfoque científico que procurou invalidar a posição anterior (LAPA, 1976: 77).

Considerando que os estudos históricos foram elevados a nível superior com a criação das Faculdades de Filosofia, a partir de 1934, e que a primeira reunião, de âmbito nacional acontece em 1961 na cidade de Marília, que balanço pode ser feito da historiografia nas décadas de 50 e 60 do século XX?

HISTORIOGRAFIA: ANOS 50 E 60

Você está lembrado da aula sobre Gilberto Freyre e seu livro Casa Grande de Senzala que causou enorme repercussão. Como se diz hoje, o livro virou modismo. De início, as ideias de Freire não foram contestadas. Entretanto a partir dos anos 50 ,

> uma nova concepção revitalizou os estudos sobre a escravidão negra, originando uma também nova corrente historiográfica, que se opôs frontalmente às idéias de Gilberto Freyre. Nada disto acontece por acaso. Fatores externos como a derrota do nazismo liquidando as pretensões arianas de uma raça pura e a intensificação da luta do negro norte-americano pela igualdade racial e a ampliação dos direitos civis. (QUEIROZ, 2001: 105).

No Brasil, o reflexo dessas idéias fica patente. Ademais, é importante recordar que é marcante a influência da história econômica e social à maneira dos Annales nas abordagens dos historiadores, especialmente na Universidade de São Paulo, onde se destaca a chamada Escola Sociológica Paulista, coordenada por Florestan Fernandes. Dela fazem parte também, Olávio Janni, Emilia Viotti da Costa, Fernando Henrique Cardoso, cujas teses divergem totalmente de Gilberto Freyre.

Raymundo Faoro em Os Donos do Poder (1958), o jurista identifica uma constante na formação histórica do Brasil: o sufocamento da sociedade sob a opressão do estado e do "estamento burocrático" (Fontes: http://veja.abril.com.br).

Raymundo Faoro, jurista, historiador e integrante da Academia Brasileira de Letras. Escreveu um dos clássicos da sociologia brasileira, Os Donos do Poder, em que analisa a formação política do país. Foi presidente da Ordem dos Advogados do Brasil de 1977 a 1979. Atuou no movimento pela retomada de eleições diretas para a Presidência da República e defendeu a anistia aos presos e perseguidos políticos do regime militar. Faoro nasceu em Vacaria, no interior do Rio Grande do Sul. Formou-se em direito em Porto Alegre. Em 1951, mudou-se para o Rio de Janeiro. Na campanha eleitoral de 2002, foi cogitado para ocupar a vaga de vice na chapa de Luiz Inácio Lula da Silva. Faoro estava internado desde 5 de outubro, tratando-se de um enfisema pulmonar. Dia 15, aos 78 anos, no Rio de Janeiro.

Comentando ainda, sobre os anos 50, dentre inúmeros e importantes intelectuais, dois autores são relevantes, Apesar de não serem historiadores, não se pode deixar de citá-los. O primeiro é Raimundo Faoro (1925-2003) com o seu livro Os Donos do Poder, um clássico na bibliografia e especialmente na historiografia, desde o seu surgimento em 1958.

Comentando a obra deste cientista social, Ricardo Musse refere-se a

> [...] incorporação crítica dos conceitos e da explicação histórica do capitalismo desenvolvida pelo sociólogo alemão Max Weber. Faoro vale-se do termo Estamento Burocrático para definir o tipo de sociedade que veio se formando no Brasil desde a colônia. Debruçando-se sobre o longo período que vai de D. João I a Getúlio Vargas, procura demonstrar que a gestação e a consolidação do poder centralizador do Estado patrimonial desviaram a sociedade portuguesa e, depois, a brasileira do padrão de evolução social próprio dos países europeus (MUSSE, s/d: 60).

O segundo é o economista Celso Furtado (1930-2004) que desponta em 1959 com o aparecimento do livro FORMAÇÃO ECONÔMICA DO BRASIL "que descreve nossa história econômica como uma sucessão de fases de crescimento seguidas de estagnação". (BILLI, s/d: 54).

Celso Furtado
(Fontes: http://2.bp.blogspot.com).

Nas obras de Celso Furtado estão alguns dos conceitos que baseiam o entendimento da economia brasileira. O livro "Formação Econômica do Brasil", que analisa a evolução da economia brasileira até o início do processo de industrialização, é considerado um dos melhores tratados de historiografia escritos no país. Ao ser exilado, em 1964, tornou-se professor em universidades americanas e européias. Seu pensamento também influenciou a política brasileira. Foi com base em um estudo de Furtado que abordava a solução dos problemas do Nordeste que o então presidente Juscelino Kubitschek criou a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), nomeando Furtado o primeiro superintende do órgão. Em 1962, o economista assumiu o Ministério do Planejamento, elaborando o Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social. Defensor da idéia de que o economista não tem uma formação completa sem dedicar-se à pesquisa, Furtado também considera que a economia não evoluiu muito como ciência nas décadas recentes. Na opinião dele, a visão moderna da disciplina está muito baseada numa abordagem

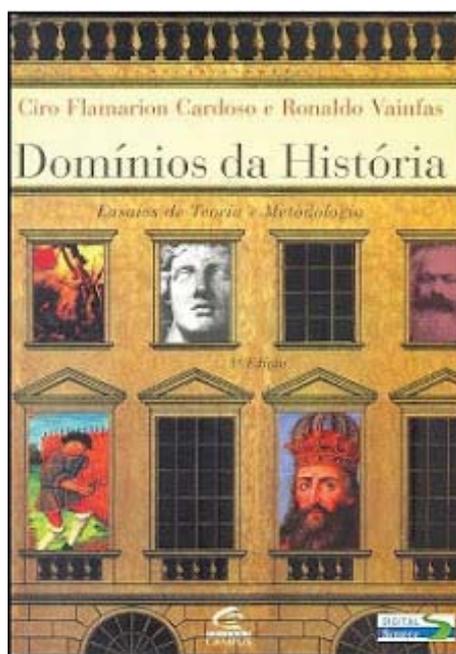
funcionalista da sociedade. Para esse paraibano nascido em 1920, a economia está intimamente ligada às questões sociais.

Fonte: www.canalciencia.ibict.com

De acordo com o Winston Fritsch, economista formado em Cambridge, "o livro é um desses clássicos que resistem ao tempo e continua leitura obrigatória não só nos cursos de Economia, mas para qualquer um que queira entender melhor a gênese de nossa sociedade" (FRITSCH, 2007: 92).

PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA: DÉCADAS DE 60, 70 E 80 DO SÉCULO XX.

O que distingui fortemente esse período da historiografia seria: a preocupação dos historiadores em entender a REPÚBLICA e suas falhas; elaboração de textos sobre a Revolução de 1930, daí em 1970, Boris Fausto publica A Revolução de 1930: história e historiografia. O tema da Revolução, norteou as interpretações sobre a sociedade brasileira até os anos 70.

Os anos 60 marcam o início de estudos acadêmicos relacionados com a classe operária. Entretanto, foi na década de 70, que a história acadêmica entrou no campo dos estudos operários, até então limitados à sociologia e em menor grau à ciência política. Registrar a contribuição decisiva dos trabalhos desenvolvidos pelos acadêmicos americanos especializados no Brasil, que ficaram conhecidos como "Brasilianistas" (BATALHA, 2001:150).

Capa do Livro Domínios da História organizado por Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas
(Fonte: http://www.submarino.com.br).

Em relação à questão ESCRAVIDÃO, os anos 70 representam o momento UNICAMPISTA (referência a Universidade de Campinas) marcada pelos debates sobre os modos de produção no Brasil, tendo como expoentes FERNANDO NOVAIS, CIRO FLAMARION CARDOSO, JACOB GORENDER e MARIA SILVIA DE CARVALHO FRANCO. Anos 80; revigoramento da produção historiográfica sobre escravidão e abolição dada a proximidade do centenário da abolição do Brasil. Destacam-se DÉCIO FREITS, EMILIA VIOTTI, PETER EISENBERG, JOÃO JOSÉ REIS, ROBERT SLENES, SILVIA HUNOLD LARA e outros.

Ainda sobre os anos 70, nota-se uma preocupação com explicações e definições sobre a estrutura sócio-econômica brasileira, tarefas da Escola Paulista de Sociologia.

Cite-se também a discussão sobre o universo mental e as ideologias presentes nas análises históricas "da realidade brasileira".

Nesta década de 70 destacam-se dois nomes: Carlos Guilherme da Mota e o seu famoso livro Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974), surgido em 1977 e Fernando Novais com o lançamento de Portugal e Brasil nos quadros do antigo sistema colonial". (1978).

Tomo emprestada a opinião de Francisco Falcon para dizer que: a produção historiográfica da década de 1970 foi analisada por Amaral Lapa e pode ser também observada que através do Catálogo USP (1977), quer do catálogo organizado pelos coordenadores dos cursos de pós-graduação (1986), compreendendo teses e dissertações defendidas até 1985. (FALCON, 1997: 85).

Sobre os anos 80, Margareth Rago em seu ensaio A nova historiografia brasileira faz um resumo que atende perfeitamente aos nossos objetivos ao destacar que "vários sujeitos sociais foram incluídos nos estudos históricos eliminando-se a hierarquia dos temas e as problematizações privilegiadas: mulheres, negros, escravos, homossexuais, prisioneiros, loucos e crianças. Ou seja, uma ampliação de leque temático; ao mesmo tempo que também ocorre a busca por novas formas de operar o conhecimento. [...]. A redescoberta da Escola dos Annales e da Nova História". (RAGO, 2011).

CAMINHOS E PERSPECTIVAS

Graças aos "diálogos interdisciplinares" dos anos 90 aos dias atuais, novas tendências podem ser visualizadas. A historiografia moderna dialoga com as ciências sociais; "Agora, em função do diálogo com as ciências sociais, "os historiadores-cientistas" entendem que, os registros e a reconstituição, medeiam conceitos os quais dão sentido aos eventos, explicando-os" (NOVAIS, 2011: 23).

Dialogando ainda com Margareth Rago ela registra que apesar da dificuldade de um mapeamento das "diversas tendências históricas que se

entrecruzam no País", a ampla abertura temática resultou no surgimento desses novos temas de: questões femininas; do gênero à masculinidade. Da sexualidade às relações raciais. Da história do público ao privado. Da ciência a religiosidade e AA magia. Da cultura erudita à cultura popular e à mídia; da história social a história cultural.

Como você pode constatar pela lista, é muita novidade! E novidade demais para todos os gostos e opções. Neste passo convém acrescentar para concluir, o perfil da Historiografia brasileira a partir das seguintes características: 1) a releitura dos historiadores clássicos como Gilberto Freire, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Junior, denominados "os inventores do Brasil" nos anos 30; 2) análise integral dos fenômenos históricos e as ações individuais ou coletivas estudando e integrando novos conceitos como gênero, raça e classe; 3) o exercício da interdisciplinaridade agregando diferentes áreas do conhecimento, como psicanálise, a literatura, a antropologia, a arquitetura e a arte; 4) produção de grandes coletâneas. Ex: História das Mulheres no Brasil (org de Mary Del Priore e Carla Bassanezzi. Contexto, 1997). Domínios da História (org Ciro Flamarion e Ronal Vainfas, Ed. Campus, 1997). 5) Publicação de biografias e memórias. Ex. Olga, de Fernando Moraes. Cia das Letras, 1994. Chatô (Chateaubriand) Cia das Letras, 1996; Negócios e Ócios, de Boris Fausto (Cia das Letras, 1997). 6) Por fim, o crescimento e florescimento da área de estudos religiosos. Ex. Vida e Morte: o homem no Labirinto da eternidade, de Eliane Moura (1993).

ATENÇÃO! ...

O ofício do historiador aproximando-se de jornalistas e romancistas, em busca de um público-leitor que também já não se encontra puramente nas universidades e instituições acadêmicas. Quanto ao historiador, tornou-se um dos interpretes do passado, pronto para ser ouvido em toda a parte como um novo guardião da memória. (Margareth Rago, 2011).

Prezado aluno, Prezada aluna,

Certamente, a conversa acabou na sua caminhada através da história, não. Cada vez que assim aconteça, você compreenda a manifestação de Fernando Novaes (USP) autor do livro! "Portugal e Brasil na Crise do antigo sistema colonial": *HISTORIOGRAFIA, EXAME DE CONSCIÊNCIA DO HISTORIADOR*.

CONCLUSÃO

Esta aula, na realidade, teve a finalidade de realizar uma grande revisão sobre aspectos vistos em aulas anteriores; demonstrar uma evolução não de todo linear dos principais momentos da história da historiografia brasileira, que a historiografia moderna distingue-se da tradicional pelo diálogo com as ciências sociais, e pela aspiração à cientificidade.

RESUMO

A partir dos anos 60 do século XX, não obstante a pressão política no País e consequentemente a repressão cultural, ocorreu um período de florescimento cultural e intelectual. A História, no que se refere à produção do conhecimento, também vive momento semelhante. Inaugura-se e propaga-se um novo debate entre historiadores. Ocorre uma expansão das pesquisas e publicações de livros, artigos e revistas. Iniciam-se as relações e diálogo da história com as ciências sociais> Dimensões, Domínios e Novas Abordagens.

Daí em diante, a amplitude temática tem sido uma constante. Novos objetos, novos métodos, novos procedimentos e ou interpretações.

ATIVIDADES

Viabilize com seus tutores a realização de um encontro em seu pólo com toda a turma para um debate sobre o tema desta aula. Realize um balando do que aprenderam no decorrer da disciplina Historiografia Brasileira e, em grupos de cinco alunos, elaborar um resumo por grupo deverá ser enviado para os tutores. Estes resumos devem ser de uma lauda.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Para encerramento do curso e reflexões sobre a disciplina, é importante que o aluno realize um balanço sobre os pontos principais sobre a historiografia brasileira para discuti-los com os colegas, sob a orientação do Tutor Presencial e também do Tutor a Distância.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de Pesquisa em História.** Petropólis, RJ: VOZES, 2005.
BATALHA, Claudio H.M. **A historiografia da classe operária no Brasil:** Trajetória e Tendências, in Historiografia Brasileira em Perspectiva. S. PauloSão Paulo. Ed. Contexto, 2001.
BILLI, Marcelo. Uma teoria sobre o desenvolvimento In,: **Revista Biblioteca Entre Livros**. s/d. (www.revsitaentrelivros.com.br) . nº 8.
FALCON, Francisco. História e Poder. In: **Domínios da História.** Ciro Cardoso e Ronaldo Vainfas (org) Rio de Janeiro: Campus, 1997.
FREITAS, Itamar. **Historiografia Sergipana**. São Cristovão: Editora UFS, 2007.
FRITSCH, Winston. Resenha sobre Formação Econômica do Brasil. In: **Revista de Historia da Biblioteca Nacional.** Ano 2, nº 20, maio 2007.
IGLESIAS, Francisco. **Historiadores do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Belo Horizonte, MG: UFMG, IPEA, 2000.
LAPA, José Roberto do Amaral. **A história em Questão** (Historiografia Brasileira Contemporânea), Petropólis: , Vozes, 1976.
MUSSE, Ricardo. A sociedade conduzida pelos donso donos do poder. In: **Revista Biblioteca Entre Livros**. s/d. Ed. Especial, nº 8.
NOVAIS, Fernando A. e Silva, Rogério F. da. **Nova História em perspectiva.** São Paulo: Cosac Naify, 2011.
QUEIROSZ, Suely Robles de. Escravidão Negra em debate. In: **Historiografia Brasileira em Perspectiva.** (org) por Marcos Cezar de Freitas. 4ª Ed. São Paulo. Ed. Contexto, 2001.
RAGO, Margareth. **A nova historiografia brasileira**. Disponível em: <www.ufrgs.br/ppghist/anos 90/11/11 art. 5>.
RODRIGUES, José Honório. **Vida e Obra.** São Paulo: Editora Perspectiva. AS, 1986.